

# CORPOREIDADE E AÇÃO PROFISSIONAL NA REABILITAÇÃO: (DES)ENCONTROS

Dra. ELINE PORTO

E-mail: eliporto@unimep.br

Dra. REGINA SIMÕES

E-mail: rrsimoes@unimep.br

Dr. WAGNER WEY MOREIRA

E-mail: wmoreira@unimep.br

Núcleo Corporeidade e Pedagogia do Movimento – Nucorpo  
Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep

## RESUMO

*Estudar sobre o corpo/corporeidade tem sido uma das metas de alguns pesquisadores de diversas áreas do conhecimento que podem estar, direta e indiretamente, associados à educação física. Buscar identificar o conceito de corpo que está presente no discurso de profissionais voltados à reabilitação de pessoas deficientes, confrontando este com a produção bibliográfica que trata do tema corpo/corporeidade, é a finalidade central deste estudo. Participaram da pesquisa fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e terapeutas ocupacionais que exercem suas ações profissionais em instituições que trabalham com a reabilitação de pessoas deficientes. A abordagem metodológica utilizada foi uma adaptação da Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Como resultado, percebe-se que os profissionais entrevistados, que atuam diretamente com corpos deficientes, estão num momento de transição de entendimento em relação ao fenômeno corpo/corporeidade, o que pode ser identificado nas contradições conceituais apresentadas em seus discursos.*

*PALAVRAS-CHAVE: Reabilitação; corporeidade deficiente; análise de conteúdo.*

## INTRODUÇÃO

Observamos que o trato com o corpo vem se alterando ao longo do tempo, revelando, nas mais variadas épocas, grandes modificações no que se refere aos conceitos e às atitudes do e para com o corpo.

Mais recentemente, autores das mais variadas áreas de conhecimento buscaram orientar seus trabalhos no sentido do entendimento do corpo que supere a tradicional dualidade presente no paradigma cartesiano, produzindo trabalhos a respeito de uma corporeidade vivencial, unitária, na qual os aspectos biológicos, cognitivos, psíquicos, econômicos, culturais e sociais compusessem essa corporeidade existencial. Apenas como alguns exemplos de obras atuais produzidas neste contexto, podemos mencionar: Damásio (2000), quando revela o corpo como sustentáculo do *self*, chegando ao deve ser eu, pois aqui estou; Cunha e Silva (1999, p. 22), que nos convida a superar o dualismo mais moderno entre o homem e o corpo, lembrando que o corpo exige uma "corporologia", um logos, que o apreenda na complexidade das suas manifestações, capaz de contornar a obsessão classificativa, a angústia taxonômica; um conhecimento que o entenda na multiplicidade, por vezes contraditória, dos seus trajetos; Morin (2001, p. 122), que ao se referir ao princípio da inclusão entre corpos que se relacionam, muitas vezes colocado de forma inadequada em trabalhos educativos, o faz de maneira macro, afirmando que o princípio de inclusão é tão fundamental quanto os outros princípios. Supõe, para os humanos, a possibilidade de comunicação entre os sujeitos de uma mesma espécie, de uma mesma cultura, de uma mesma sociedade; Sartre (1997, p. 387), enfatizando que, se queremos refletir a respeito da natureza do corpo, é preciso estabelecer em nossas reflexões uma ordem conforme à ordem do ser; não podemos continuar confundindo os níveis ontológicos e devemos examinar sucessivamente o corpo enquanto ser-para-si e enquanto ser-para-outro; e, em especial, Merleau-Ponty (1994), quando apresenta sua crítica à visão de corpo como objeto, encaminhando o entendimento de corpo no sentido do corpo-sujeito, do corpo próprio/corporeidade.

Mas, em contrapartida, pouco se vê nessas discussões sobre corpo/corporeidade, pesquisas que tentem identificar esse fenômeno relacionado com os corpos deficientes. Um dos poucos trabalhos significativos, neste sentido, é o de Porto (2002), que aborda o tema deficiente visual em uma perspectiva fenomenológica, ainda com pequeno impacto, cremos nós, entre os profissionais que trabalham com corpos deficientes.

Portanto, este estudo pretende identificar qual conceito de corpo está presente no discurso de profissionais que trabalham com pessoas deficientes em instituições criadas com essa finalidade, na cidade de Piracicaba-SP. Foram 14 profissionais investigados, sendo 4 terapeutas ocupacionais, 4 fonoaudiólogos, 3 fisioterapeutas e 3 psicólogos.

Vale destacar que este trabalho é uma das investigações realizadas pelo Grupo de Pesquisa do Núcleo Corporeidade e Pedagogia do Movimento (Nucorpo), vinculado ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba-SP (Unimep).

## CORPO: QUE TEMA É ESTE?

Durante boa parte da trajetória da humanidade em sua história, o corpo foi concebido como máquina, podendo ser manipulado e esartejado, pois as pessoas entendiam esse corpo como um objeto.

Fato também hegemônico nessa história é o sentido de os corpos serem cada vez mais alvos do poder, moldados de maneira desejada por este, treinados para obedecer e responder ordens, tornando-se hábeis na medida em que economizavam forças para o trabalho necessário. Os corpos passaram a fazer parte da própria linha de produção, pois recebiam treinamentos para ser adestrados e docilizados, facilitando assim a manipulação. A docilidade do corpo sempre esteve, e ainda está, diretamente associada à submissão, considerando que um corpo dócil é, para o poder, um corpo útil e de valor transacionável, podendo ser aproveitado ou descartado dependendo de sua produção (Foucault, 1977).

Esse corpo-objeto, calcado nos valores positivistas de visão de mundo, é atingido nos dias de hoje por uma série de propostas que prometem, num passe de mágica, soluções para sua transformação que, na verdade, pouco alteram sua história. Assim, formas emergentes de atividades físicas, exercícios mentais de relaxamento, manuais de auto-ajuda, contatos com energias místicas, nada mais são, na maioria dos casos, que formas paliativas para melhora da qualidade de vida do cidadão neste planeta, principalmente se considerarmos que elas não oferecem resistência ao modelo de desenvolvimento surgido no século XVII.

Merleau-Ponty (1994) já realizou, com muita propriedade, a crítica à visão do corpo como objeto na fisiologia mecanicista e na psicologia clássica, indicando superações na direção do corpo próprio e da motricidade.

O mesmo autor e na mesma obra, por exemplo, afirma que buscar a essência do mundo não é explicá-lo, mas, sim, vivê-lo. Para se viver, o corpo deve ser encarado em sua totalidade, não apenas adestrado para a vida. Assim, o conceito de corpo-sujeito, histórico, cultural, em permanente relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo, transcende a visão de um corpo mecânico, manipulado pelos interesses do poder, possibilitando, finalmente, a superação do paradigma mecanicista e cartesiano.

Como pode ser observado, há vozes dissonantes desses valores hegemônicos, que começam a ser consideradas nos meios de produção de conhecimento, em especial entre os profissionais que lidam diretamente com os corpos humanos, nas áreas da educação e da saúde, em que o corpo-sujeito recebe a primazia das preocupações.

Regis de Moraes (2003) lembra que esta transformação conceitual, do corpo-objeto para o corpo-sujeito, deve levar em consideração duas vertentes: primeira, não há que se negar o que ele denomina corpo-problema, pois

O estudioso da corporeidade tem que se interessar, em primeiro lugar, pelo corpo-objeto que interessa a anatomistas, fisiologistas e médicos. É esse o corpo, objeto do conhecimento (corpo-problema), que se revela a nossos sentidos e nossa inteligência, a autêntica base da tematização da corporeidade em sua globalidade (p. 85).

Segunda, os interessados nessa transformação deverão realizar uma opção entre duas alternativas, a saber:

Eis por que os profissionais da corporeidade só têm diante de si um par de alternativas: ou seguem lidando com o corpo como se este fora simples coisa burra que se adestra ou despertam para o fato de sermos um corpo como forma de estar no mundo sensível e inteligentemente. Se a segunda alternativa é aceita, o profissional tem que admitir sair da comunidade de rotinas e programas mecanicistas a fim de que inicie longo diálogo de aprendizagem com o corpo próprio e o alheio (p. 84).

Santin (2003), mesmo reconhecendo que a tematização da corporeidade é complexa, aponta superações do modelo mecanicista através de argumentos em que relaciona a corporeidade e os homens, a corporeidade e a epistemologia, a corporeidade e a estética e, finalmente, a corporeidade e a educação física e os esportes, enfatizando neste caso a passagem de uma corporeidade disciplinada para uma corporeidade cultuada e cultivada.

Moreira (1994) mostra a possibilidade dessa transição do corpo disci-

plinado para um corpo consciente utilizando-se de uma metáfora em que se caminha de um corpo pensado a um corpo vivido. No primeiro, os valores são: corpo-objeto, corpo manipulável pela educação, pela ciência e pelo poder, corpo que vive em função do futuro mas esquecendo-se de viver o presente, corpo esse criador de fantasmas imaginários que roubam a possibilidade de um viver abundante. No segundo, o corpo-sujeito exige uma educação e uma ciência que se estructurem no pensamento dialético, numa produção de conhecimento que garanta a vida.

No entanto, todos estes trabalhos e muitos outros falam de um corpo considerado "normal", aquele que não possui algum tipo de problema que impeça a vida de transcorrer na rotina dos grupos sociais institucionalizados. Mas e quanto aos corpos deficientes? Como ficam esses corpos quando associamos os seus limites de sobrevivência e adaptação às possibilidades de superação do trabalho mecanicista?

Tentar lançar um olhar para esse fenômeno nos leva ao próximo item, em que a associação corpo e reabilitação é fundamental para o entendimento do contexto, bem como se justifica toda a presente pesquisa.

## O CORPO NA REABILITAÇÃO

Ao olharmos para os corpos deficientes no mundo, relacionando-se consigo próprio, com os outros e com o ambiente, as limitações, na maioria das vezes, determinam formas diferentes de viver e de sobreviver das adotadas como convencionais. Essas situações desencadeiam atitudes diferenciadas pelos demais corpos, os quais atribuem para os corpos deficientes sentidos e significados balizados na segregação e na exclusão. Isso ocorre em razão de a sociedade se pautar no potencial de independência pessoal, de autonomia e de produtividade como pressupostos para uma pessoa poder ou não ser aceita e respeitada como cidadão.

Corpo, qualquer que seja sua classificação/denominação, é único e próprio na sua essência e existência, por ser dotado de sensibilidades, de necessidades, de vontades e de desejos, como também necessita de oportunidades para garantir a comunicação e a possibilidade de estar junto com o outro, em qualquer tempo e lugar. Porto (2002), ao discorrer sobre a corporeidade, salienta que

[...] a relação com o mundo se dá pelo/no corpo que surge do/no ser. Corpo que é

sensação e ação ao mesmo tempo, constituindo uma unidade que é e está presente no mundo. Sou corpo, sou instrumento do mundo e pelas minhas ações me expresso como ser-no-mundo. Ser corpo deficiente não significa ser corpo ausente; ser corpo deficiente é ser corpo como outro ser qualquer (p. 31).

Portanto, os corpos deficientes, em muitos casos, por necessitarem de alguns tratamentos e/ou cuidados especiais, estão intimamente ligados à reabilitação. Reabilitação no sentido de recobrar, recuperar e restabelecer os seres humanos deficientes das limitações que apresentam, considerando todos os seus domínios, isto é, suas capacidades físico-orgânicas, psicológicas, sociais e profissionais, diante de si próprios e do mundo em que se encontram presentes. A reabilitação deve ser abrangente incluindo a prevenção, o reconhecimento precoce, os programas de assistência, em que os resultados esperados para o paciente devem estar associados ao aumento da independência e autonomia social, na presença ou ausência de outrem, possibilitando assim uma melhora significativa na qualidade de vida de todos os envolvidos no processo.

Lianza (1995), ao discutir sobre reabilitação, indica que o conjunto de metas e ações diagnósticas e processuais aplicadas às pessoas que necessitam desse tipo de trabalho é denominado de reabilitação. De acordo com Romano (apud Kottke, Lehmann, 1994): "O enfoque integral e comunitário leva o especialista em Reabilitação a ver os pacientes como pessoas 'reais', como nós, e não passivos recipientes de manifestações [...]" (p. 169).

Para desenvolver um trabalho de reabilitação que consiga atender o ser humano como um todo, Lourenço et al. (apud Lianza, 1995) apontam que é necessária uma equipe constituída por profissionais de diversas áreas, considerando as disponibilidades de recursos humanos, de estrutura e de administração do local onde o trabalho vai acontecer, bem como do tipo de clientela a ser atendida. Uma equipe considerada completa deve ser composta por: médico fisiatra, assistente social, psicólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, enfermeira, fonoaudiólogo, nutricionista, orientador profissional, pedagogo e técnico desportivo. Porém esta questão não é regra geral, podendo ser encontrados outros profissionais, para além ou para aquém dos citados anteriormente, objetivando atender às necessidades da instituição.

Com o intuito de compreender sobre as funções de algumas áreas profissionais, apoiamo-nos em Martin e Gamble (apud Kottke, Lehmann, 1994) para demonstrarmos algumas características próprias das metas e ações que os profissionais têm para com seus pacientes:

- 1) fisioterapeuta: pode-se envolver com uma gama de terapias, a fim de aliviar a dor, restaurar funções e propiciar conforto e segurança aos pacientes;
- 2) terapeuta ocupacional: a partir das avaliações funcionais, sensoriais e cognitivas, desenvolve suas ações com metas voltadas ao desempenho das atividades de vida diária do indivíduo;
- 3) psicólogo: tem a função de cuidar da mente do indivíduo, para ele poder se relacionar melhor social e afetivamente em todo e qualquer ambiente em que estiver presente;
- 4) fonoaudiólogo: irá atuar na prevenção, na avaliação e no restabelecimento das diversas e possíveis formas de comunicação dos pacientes.

Percebemos que as metas em um trabalho de reabilitação só serão atingidas se houver, entre os profissionais e suas ações, interação, cumplicidade e uma visão ampla e global para o corpo a ser tratado, pois o ser humano a ser reabilitado necessita de sensibilidade, credibilidade, confiança e segurança para o tratamento obter sucesso.

Ao realizar um trabalho de reabilitação com e para os corpos deficientes, aliamos-nos aos autores que defendem que o ser humano deve ser focado como um ser total, indivisível e único, vislumbrando a auto-superação dos seres humanos nas suas relações. O que nos leva a afirmar que os profissionais, em suas ações com este grupo, acreditem nesse ser como um ser sensível, eficiente, possível e capaz nas inúmeras possibilidades de comunicação e interação com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

## O CORPO NA FALA DOS PROFISSIONAIS

Para a efetivação da pesquisa foi realizado um mapeamento das instituições, que têm seus trabalhos voltados à pessoa deficiente, existentes na cidade de Piracicaba, considerando a estrutura geral de funcionamento, o universo populacional a quem prestam atendimento e o quadro de profissionais que nelas atuam.

Estas somam um total de oito, variando entre instituições de pequeno, médio e grande porte que atendem deficientes físicos, mentais, auditivos, visuais, com síndrome de Down, múltiplas deficiências, autistas, entre outros, totalizando, aproximadamente, 750 pessoas deficientes, do nascimento à idade adulta.

Num âmbito geral os profissionais que atuam em todas as instituições investigadas formam o seguinte quadro: 35 pedagogas, 13 terapeutas ocupacionais, 9 fisioterapeutas, 11 fonoaudiólogos, 7 psicólogos, 10 médicos (5 voluntários) e 10 assistentes sociais.

O universo ficou determinado na participação de 14 profissionais de diferentes áreas, entre elas: a terapia ocupacional, a fonoaudiologia, a psicologia e a fisioterapia. Estas foram escolhidas em virtude da relação que cada um desses profissionais desempenha com o indivíduo na perspectiva da reabilitação, atendendo o objetivo do estudo. Os assistentes sociais e os médicos não constam no universo dos sujeitos, pelo fato de estes manterem seus trabalhos voltados, prioritariamente, às fases de avaliação e de diagnóstico. Os profissionais da área educacional, por serem numerosos nas instituições e realizarem um trabalho com características mais pedagógicas que de reabilitação *stricto sensu*, foram deixados de fora desta pesquisa.

Para a escolha dos sujeitos, determinamos os seguintes critérios:

- o porte da instituição, privilegiando aquelas que possuíssem os maiores números de profissionais em ação e de pacientes atendidos;
- instituições que contassem com a presença de profissionais cuja atuação fosse específica para a reabilitação.

O resultado dos critérios traçados possibilitou um universo representativo de 30% de cada área profissional, sendo que os sujeitos entrevistados por área profissional ficaram assim representados: 4 fonoaudiólogos, 4 terapeutas ocupacionais, 3 fisioterapeutas e 3 psicólogos.

O desenvolvimento metodológico da pesquisa foi feito pela abordagem qualitativa, baseada na Análise de Conteúdo de Bardin (1977), a partir de uma adaptação da Técnica de Análise de Asserção Avaliativa, elaborada por Ossgood, Saporta e Nunnally. Esse tipo de análise tem como objetivo desvelar o fenômeno investigado, resgatando atitudes muitas vezes inconscientes, que se manifestam por tomadas de posição, de qualificações, de descrições e de designações de avaliação com significados importantes ou não.

As perguntas foram respondidas na forma escrita e entregues separadamente para cada pesquisado, com os seguintes passos: explicação da pergunta e preparação do entrevistado para a resposta, quando era dado o tempo necessário para que este pudesse elaborar seu pensamento e transformá-lo em escrita; após a resposta da primeira pergunta geradora, era entregue a segunda pergunta, com a mesma orientação para a resposta.

As questões geradoras foram construídas da seguinte forma:

- 1) O que é corpo para você?
- 2) Em sua ação profissional, como é o seu trabalho com o corpo de seu aluno/paciente?

As respostas a estas questões foram analisadas sob a ótica dos pressupostos metodológicos elaborados pela técnica proposta, pois, através de manifestações de juízos de valor, o ser humano, em sua maneira espontânea de falar, opina sobre as coisas, sobre os seres e sobre os fenômenos que pensa conhecer, sendo que o processo da referida técnica se estruturou da seguinte maneira:

- 1) transcrição, leitura e releitura das respostas apresentadas na íntegra.
- 2) Escolha dos indicadores do discurso, envolvendo as indicações no texto que trazem significados pertinentes ao objeto estudado, fornecendo subsídios para a próxima etapa, que consiste na criação das unidades de significado. Nesta fase se constata uma transição entre o que os sujeitos dizem e a interpretação dos pesquisadores.
- 3) Estruturação dos indicadores a partir da classificação e da apreciação, segundo as interpretações para a análise e compreensão do fenômeno.

Das unidades de significado elaboradas para cada área de atuação profissional, apresentamos a seguir as de maior convergência entre os sujeitos e/ou as de maior significado para com o fenômeno estudado.

A partir do estabelecimento das unidades de significado, foi feita a análise e a interpretação dos dados. Realizamos, inicialmente, a análise da primeira e depois da segunda pergunta, dialogando com cada área de atuação profissional, para em seguida apresentarmos uma análise geral sobre estas.

Unidades de Significado – Questão 1:

A– Fonoaudiologia

- 1) Corpo é uma forma de expressão e comunicação. (1,2,3,4)
- 2) Corpo caracteriza o indivíduo no todo. (2,4)
- 3) Corpo é representação concreta e material do indivíduo. (2, 3)

B– Terapia ocupacional

- 1) Corpo é uma forma de expressão e comunicação. (1,3)

- 2) Corpo é estrutura concreta do indivíduo. (1,2)
  - 3) Corpo é centralização espírito e alma comandada pelo cérebro. (4)
  - 4) Corpo é o físico acompanhado de personalidade. (2)
- C– Fisioterapia
- 1) O corpo vai além da representação concreta do indivíduo. (1,3)
  - 2) Corpo é uma forma de expressão. (1,3)
  - 3) Corpo é um instrumento que precisa ser cuidado. (2)
- D– Psicologia
- 1) O corpo está além do biológico. (1)
  - 2) Corpo é uma forma de expressão e comunicação. (1,2,3)
  - 3) Corpo é uma forma de identidade. (1,2)
  - 4) Corpo é a soma das partes. (3)

Quanto à primeira questão, o maior ponto de convergência entre os sujeitos da área da fonoaudiologia está na fala de 100% dos participantes, os quais revelam que o corpo é veículo de comunicação com o mundo, pois é através dele que o indivíduo expressa seus desejos, seus sentimentos e sua forma de ser. Outra observação relevante, apresentada por 50% dos sujeitos, é que o corpo não é apenas matéria, mas a caracterização e a representação do indivíduo e portanto deve ser trabalhado como todo, como afirma o sujeito 2... é muito mais que a “matéria concreta”, é a representação como um todo do indivíduo.

Acreditamos que, por a atuação desses profissionais estar diretamente associada à possibilidade ou não que o ser humano tem para se relacionar com o mundo, através da linguagem, é clara e concisa a visão que estes têm do corpo no que se refere à comunicação. No entanto, percebemos que ainda há uma dicotomia entre corpo-objeto e corpo sensível, apesar de alguns indícios de que essa visão está se alterando.

Para 75% dos sujeitos que atuam em terapia ocupacional, corpo é físico, dominado pelos aspectos psicológico e cognitivo, bem como o corpo é estrutura concreta do indivíduo, conforme falas dos sujeitos 1, 2 e 4. No entanto, o sujeito 1 apresenta traços de mudança conceitual em relação ao tema, pois também menciona que corpo é forma de expressão de sentimentos e de comunicação com o outro. Já o sujeito 3 revela uma visão mais integradora na relação corpo e mundo, tendendo a realizar uma interpretação sistêmica.

Entendemos que corpo, para seguramente 50% desses profissionais, ainda está relacionado à idéia do corpo como um invólucro de entidades distintas, como a psique e o espírito, sempre sob o comando do cérebro.

Para os profissionais da fisioterapia, o corpo é um todo que vai além da representação concreta do indivíduo, como dito por 66% dos sujeitos. Esses sujeitos apresentam uma tentativa de ver o corpo como um ser sensível, mas o corpo físico ainda é ressaltado, segundo seus discursos.

Em seguida observamos que 33% revelam que corpo é um instrumento que precisa de cuidados. Ao dizer que o corpo é um instrumento, ou, mesmo, que expressa as sensações físicas, fica claro que o corpo é visto e considerado de maneira dualista, ou seja: "Um instrumento que precisa ser bem cuidado para conseguir dançar a música que toca nos momentos diferentes da vida" (sujeito 2).

Comunicar-se com o mundo é a convergência de 100% dos psicólogos entrevistados em relação ao corpo. Corpo é a identidade da pessoa, segundo a fala dos sujeitos 1 e 2. O sujeito 1 demonstra que o corpo é algo que vai além do domínio biológico, enquanto, de forma diversa, o sujeito 3 afirma ser o corpo a soma das partes com expressão e possibilidade de comunicação.

Dos três sujeitos participantes da pesquisa, pode-se depreender que dois deles convergem na leitura do corpo como identidade do "eu" que se comunica com o mundo, mas o terceiro entende o corpo como matéria e objeto.

#### Unidades de Significado – Questão 2:

##### A– Fonoaudiologia

- 1) Vê o corpo como essencial para o ato de comunicar-se. (1,2,3)
- 2) Vê o indivíduo como um todo. (3)
- 3) Trabalha a postura do paciente, respeitando o seu desejo. (4)

##### B– Terapia ocupacional

- 1) Proporciona opções para a comunicação não-verbal com o meio. (1,3)
- 2) Trabalha o indivíduo como um todo. (1,2,3,4)
- 3) Valoriza as habilidades e capacidades. (1)

##### C– Fisioterapia

- 1) Vê o paciente como um ser. (3)
- 2) Vê o paciente de maneira global, entendida esta como física e psíquica. (1)
- 3) Consientiza o paciente das partes que compõem seu corpo. (2)
- 4) Vê a reabilitação física para tornar um corpo útil. (1)

##### D– Psicologia

- 1) Voltado para questões emocionais, sociais e organizacionais. (1,3)

- 2) Utiliza o corpo como um meio. (1,2)
- 3) Através de contatos e observação dos gestos e atitudes. (2,3)
- 4) Importante considerar o trabalho com o corpo de forma assistemática e interdisciplinar. (1,2,3)

Já em relação à segunda questão, para 75% dos fonoaudiólogos entrevistados, o corpo é trabalhado com a intenção de poder se comunicar com o mundo, seja pela linguagem gestual ou oral. Um sujeito desse grupo acrescenta que, para se trabalhar o corpo, este deve ser visto de forma global sem divisões em partes. Em contrapartida, o sujeito 4 restringe a ação do corpo à postura confortável para a realização das atividades ao dizer: “[...] precisa-se a postura do paciente estar sempre adequada, [...]. Por isso, é que sempre procuro o trocar informação com a fisioterapeuta, [...] respeitando o desejo do paciente”.

Observamos que há uma intenção grande de se trabalhar o corpo de maneira globalizada e total, mas isso, em alguns momentos, acaba se perdendo na atuação prática. Isso é um fato que consideramos natural em razão da própria história dos estudos do corpo, pois, durante séculos, o corpo-objeto, sinônimo de massa-matéria, foi visto de forma separada do corpo mental e espiritual.

Trabalhar sob a perspectiva unitária de corpo do indivíduo é o discurso convergente de 100% dos terapeutas ocupacionais. A preocupação com a comunicação não-verbal do ser humano com o meio é revelada por dois desses profissionais entrevistados, ao passo que um deles menciona que as capacidades e habilidades corporais dos pacientes devem ser valorizadas no transcorrer do trabalho terapêutico. Um último ponto a ser salientado pelos sujeitos é que o trabalho profissional envolve o corpo nas perspectivas biológica, social e psicológica.

Esses profissionais, ao revelarem o que pensam sobre as relações estabelecidas com o corpo do outro, reafirmam suas atitudes ao considerarem o trabalho intersubjetivo desenvolvido com o seu paciente, como aponta o sujeito 2: “Em minha ação profissional tenho contato direto com o meu paciente, realizando toque, mudanças posturais, diversas estimulações”.

O corpo dos pacientes a serem trabalhados por 66% dos fisioterapeutas deve ser visto de maneira global, embora um deles considere global uma visão sistêmica de corpo, ao passo que outro considera o total apenas como a soma das partes psíquicas e físicas. Este mesmo profissional afirma que a relação que o paciente tem com o seu corpo deve ser prazerosa, mesmo

quando o trabalho é voltado para a reabilitação física. Isso denota o paciente ter um corpo e não ser um corpo, podendo dessa forma ser tratado de forma utilitária. Um terceiro profissional enfatiza que o sucesso do trabalho com os corpos dos pacientes se deve à conscientização que estes precisam adquirir das partes componentes do corpo para se chegar a uma visão do todo. Novamente estamos perante o paradigma cartesiano, na crença de que a soma das partes resulta no conhecimento do todo.

Para os profissionais da psicologia, trabalhar o corpo está direcionado a questões emocionais, sociais e organizacionais, diante da opinião de dois sujeitos. Observar os gestos e as atitudes e estabelecer contatos com os pacientes fazem também parte do trabalho para dois dos sujeitos entrevistados. A forma mais adequada do trato com o paciente deve ser interdisciplinar e assistemática, afirmam todos os profissionais. No entanto, dois deles consideram o corpo um meio do trabalho terapêutico.

Como pode ser observado, os profissionais dessa área apresentam uma visão dúbia sobre o fenômeno corpo, demonstrando a possível fase de transformação paradigmática que ocorre nos tempos modernos em várias áreas da ciência. Se por um lado o corpo é visto como algo mais que a soma das partes, devendo ser trabalhado de forma interdisciplinar, por outro as falas revelam o corpo ainda como um meio para se chegar à cura dos aspectos mais relevantes do ser humano, como sua psique, suas emoções, seus desejos, entre outros.

Analisando de um modo geral os dados revelados por profissionais que trabalham diretamente com a reabilitação de pessoas deficientes, notamos alguns pontos com um índice grande de convergência, a saber:

- Corpo é o veículo do ser humano para este se comunicar e se relacionar com o mundo, fazendo-se presente em todas as situações e ambientes.
- O corpo é visto na perspectiva do objeto, ou seja, um corpo físico, estando presente na maioria dos discursos dos sujeitos pesquisados.
- Corpo é a identidade do indivíduo, mostrando seus desejos, seus sentimentos, suas capacidades e limitações.
- Está presente, na maioria das áreas profissionais, o corpo visto de forma separada, dicotômica entre o corpo físico, o corpo inteligível e o corpo sensível, embora observamos que há uma preocupação grande em pensar e respeitar o corpo como um todo.

Estes pontos de convergência mantêm uma relação próxima com a história do corpo, ou seja, a forma como este foi tratado pela ciência ao longo do tempo e o momento de transformação que essas áreas de conhecimento vêm nos apresentando atualmente. Hoje, a visão de corpo passou de algo complicado para algo complexo, o que indica a complexidade dos estudos sobre o tema. É necessário, no entanto, que esta produção epistemológica chegue à atuação profissional, pois assim haverá superações de modelos anteriores.

Como pode ser observado por esta pesquisa, as várias áreas que trabalham a reabilitação apresentam visões diferentes sobre o corpo do paciente, o que reforça a necessidade de um trabalho interdisciplinar no sentido de permanente reflexão sobre o tema, em que as idéias possam ser debatidas e analisadas sob diversos enfoques, propiciando uma ação no trato com o corpo deficiente de forma contextualizada, com radicalidade e com rigor necessários aos procedimentos científicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar o conceito de corpo que está presente no discurso de profissionais que trabalham com pessoas deficientes e confrontar esses discursos com a recente produção bibliográfica sobre o tema corpo/corporeidade.

Ao final, pode-se perceber o momento de transição em que se encontram os profissionais que exercem sua ação profissional na reabilitação de corpos, transição essa demonstrada em contradições conceituais que ora avançam para propostas recentes que consideram o corpo nos seus sentidos complexo e sistêmico, demarcando a íntima relação entre corpo do sujeito com outros corpos de outros sujeitos e com o meio ambiente, ora retomam a tradição cartesiana de corpo desprovido de *anima*, de coisa manipulável visando a um desempenho utilitário.

Isso, encarado de forma dialética, propicia preocupações por um lado e, por outro, demonstra a tentativa dos profissionais em superar conceitos e preconceitos estabelecidos por uma forma hegemônica de ver e tratar corpos deficientes, caminhando na direção de superações significativas e humanas.

O que se espera é que este trabalho possa contribuir para novas reflexões sobre o tema, e que, em nossa utopia realizável, possamos ver o trato do corpo deficiente com olhares de sabedoria e não apenas de conhecimento, pois o primeiro exige a experimentação do segundo para identificar o seu significativo valor.

## Corporeity and professional action in rehabilitation: meetings and contradictions

*ABSTRACT: One of the goals of some researchers from several areas directly related, or not, to physical education, has been the study of the body/corporeity. The main focus of this study is to identify the current concept of body in the lecture of professionals working with rehabilitation of handicapped people, comparing it with the bibliographic productions dealing with body/corporeity. In this research participated: hearing and speech therapists, physiotherapists, psychologists and occupational therapists, all of them working in rehabilitation institutions. The methodology used was an adaptation of Bardin's Content Analysis (1977). The perceived result was that the interviewed professionals, working directly with handicapped people, are in a moment of transition related to their understanding of the phenomenon body/corporeity, and this can be verified in the conceptual contradictions they present in their discourse.*

*KEY-WORDS: Rehabilitation; handicapped corporeity; content analysis.*

## Corporeidad y acción profesional en la rehabilitación: (des)encuentros

*RESUMEN: El estudio del cuerpo/corporeidad ha sido una de las metas de algunos investigadores de diversas áreas del conocimiento, asociados directa o indirectamente a la educación física. La finalidad principal de este estudio es identificar el concepto de cuerpo presente en el discurso de profesionales dedicados a la rehabilitación de personas deficientes, confrontándolo con la producción bibliográfica que trata el tema cuerpo/corporeidad. Participaron de la investigación fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos y terapeutas ocupacionales que desarrollan su ejercicio profesional en instituciones que trabajan con rehabilitación de personas deficientes. El abordaje metodológico utilizado fue una adaptación del Análisis de Contenido de Bardin (1977). Como resultado, observamos contradicciones conceptuales en los discursos de los profesionales entrevistados (que actúan directamente con cuerpos deficientes), concluyendo que se encuentran en un momento de transición en su comprensión del fenómeno cuerpo/corporeidad.*

*PALABRAS CLAVES: Rehabilitación; corporeidad deficiente; análisis de contenido.*

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CUNHA E SILVA, P. *O lugar do corpo: elementos para uma cartografia fractal*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

DAMÁSIO, A. *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DANTAS, E.H.M. (Org.). *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 1994.

- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- KOTTKE, F.; LEHMANN, J. *Tratado de medicina física e reabilitação de Krusen*. 4. ed. São Paulo: Manole, 1994.
- LIANZA, S. *Medicina de reabilitação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MOREIRA, W.W. O fenômeno corporeidade: corpo pensado e corpo vivido. In: DANTAS, E.H.M. (Org.). *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 1994.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Corpo presente*. Campinas: Papyrus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI*. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- PORTO, E.T.R. Flores e espinhos: corpos que se encontram... *Anais do I Congresso Latino-Americano e III Congresso Brasileiro de Educação Motora*, Natal: UFRGN, 2000.
- PORTO, E.T.R. *A corporeidade do cego: novos olhares*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- REGIS DE MORAIS, J.F. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA, W.W. *Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI*. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- SANTIN, S. Perspectiva na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W.W. *Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI*. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- SARTRE, J. P. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SIMÕES, R. *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso*. 3. ed. Piracicaba: Unimep, 1998.

Recebido: 3 nov. 2003

Aprovado: 16 jan. 2004

Endereço para correspondência

Eline Rozante Porto

Rua Campos Sales, 1.134

Piracicaba-SP

CEP 13416-310